

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

**ADRIELY MANGABEIRA DOS SANTOS**

**TRADUÇÃO DE TEXTOS PSICANALÍTICOS POR  
TRADUTORES LEIGOS NA ÁREA: UM ESTUDO DE CASO**

BRASÍLIA – DF  
JUNHO/2016

ADRIELY MANGABEIRA DOS SANTOS

**TRADUÇÃO DE TEXTOS PSICANALÍSTICOS POR TRADUTORES  
LEIGOS NA ÁREA: UM ESTUDO DE CASO**

Projeto Final do Curso de Tradução da aluna **ADRIELY MANGABEIRA DOS SANTOS**, apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução em Espanhol.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Alba Escalante

BRASÍLIA – DF  
JUNHO/2016

ADRIELY MANGABEIRA DOS SANTOS

## **TRADUÇÃO DE TEXTOS PSICANALÍSTICOS POR TRADUTORES LEIGOS NA ÁREA: UM ESTUDO DE CASO**

Projeto Final do Curso de Tradução da aluna **Adriely Mangabeira dos Santos**, apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução em Espanhol.

Aprovada em 10 de junho de 2016.

### **COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Profª. Dra. Alba Escalante**  
**Universidade de Brasília**  
**Orientador**

---

**Dr. Cláudio Barra de Castro**  
**Escola Lacaniana de Psicanálise - Brasília**  
**Examinador**

---

**Profª. Dra. Sandra Pérez**  
**Universidade de Brasília**  
**Examinador**

*Dedico este trabalho a todo corpo docente e discente da Universidade de Brasília, que, durante toda a minha graduação, me permitiu ver e conhecer pessoas singulares e distintas de mim, abrindo minha mente para a tradução e outras questões, situando-me da importância que tenho como autora do meu espaço, batalhadora do meu tempo e peça indispensável no quebra-cabeça onde cruzo minhas lutas diárias, motivação e persistência.*

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos se iniciam primeiramente a Deus, a quem me confiou este desafio e que me capacitou diante de tantos obstáculos percorridos até chegar onde cheguei, dando-me paciência, resiliência e sabedoria para prosseguir.

Agradeço aos meus familiares, que sempre me apoiaram e me estimularam para ser quem sou, dando o melhor de mim. Sou o reflexo deles, e este trabalho tem o total significado, em especial, para a minha mãe Alciomara Fraça Mangabeira e minha avó Conceição de Maria Borges, a quem devo gratidão por tudo. A minha maior dedicação é para elas, de quem tirei ânimo e orgulho.

Aos meus amigos, aqueles que cresceram comigo, com que no percurso da vida foram se firmando laços, que se dispuseram a ajudar e a entender. Aos amigos que durante esta graduação se fizeram irmãos e sei que estarão não somente nas minhas vitórias, mas em todos os momentos, sendo fieis e leais.

Ao Fernando Cavalcante da Costa, por toda paciência, compreensão e carinho, por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam não existir. Você foi a pessoa que compartilhou comigo os momentos de tristezas e alegrias e que me acompanha até hoje.

A todos aqueles que torceram e lutaram por mim, vendo minhas lutas, momentos de cansaço e aflição, a todos vocês o meu muito obrigada. Essa conquista é nossa!

Em especial, agradeço a minha orientadora Dra Alba Escalante, que me deu a honra de poder compartilhar momentos excepcionais, mostrando-me o verdadeiro valor do conhecimento e do potencial que as pessoas têm pela não desvalorização da pessoa e o espaço; compreendendo; amparando; ajudando. Sou grata por ter me aberto os olhos diante de tantos ideais não potencializados e conceitos tão pobres a respeito da educação. Hoje e ao longo dos anos, lembrarei de cada encontro nosso como uma experiência de vida para me tornar uma boa profissional, uma boa aprendiz e um bom ser humano.

“Algumas pessoas marcam a nossa vida para sempre, umas porque nos vão ajudando na construção, outras porque nos apresentam projetos de sonho e outras ainda porque nos desafiam a construí-los”.

## RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso no qual estudantes em processo de formação no curso de Letras/Tradução Espanhol, realizaram uma experiência de tradução num campo de pouco domínio: a psicanálise. A partir das atividades realizadas, foram levantados os questionamentos e as indagações dos participantes em relação às especificidades da tradução de textos psicanalíticos. O material de pesquisa foi coletado a partir de: transcrição das discussões e questionário. O pano de fundo da reflexão foram os Estudos do Tradutor (Chesterman, 2014; Berman, 2007). As categorias de análises foram: tradução como via de conhecimento; dicotomias dos estudos da tradução e pluralidade e harmonização do trabalho em grupo. Os resultados mostram que: a) o estatuto de leigo não é um impedimento para traduzir; b) a experiência se apresenta como via de mão dupla para o conhecimento; c) um dos obstáculos do tradutor leigo é a força que tem os conceitos dicotômicos da tradução; d) a dificuldade do trabalho de grupo é concomitante à riqueza das trocas.

**Palavras-chave:** Tradução; psicanálise; Estudos do Tradutor; estudo de caso.

## RESUMEN

Este trabajo es un estudio de caso en el cual estudiantes en proceso de formación en el curso de Letras/Traducción Español, realizaron una experiencia de traducción en un campo de poco dominio: el psicoanálisis. A partir de las actividades realizadas, se recogieron cuestionamientos e indagaciones de los participantes en relación a las especificidades de la traducción de textos psicoanalíticos. El material de investigación fue colectado a partir de: transcripción de las discusiones y cuestionario. El telón de fondo de la reflexión fueron los Estudios del Traductor (Chesterman, 2014; Berman, 2007). Las categorías de análisis fueron: traducción como vía de conocimiento; dicotomía de los estudios de la traducción y pluralidad y armonización del trabajo en grupo. Los resultados muestran que: a) el estatus de lego no es un impedimento para traducir; b) la experiencia se presenta como doble

vía para el aprendizaje; c) uno de los obstáculos del traductor lego es la fuerza que tienen los conceptos dicotómicos de la traducción; d) la dificultad del trabajo en grupo es concomitante a la riqueza de los intercambios.

**Palabras-clave:** Traducción; psicoanálisis; Estudios del Traductor; estudio de caso.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FC	Fora de Contexto
NC	Não compreensível



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	<b>11</b>
	2.1 Andrew Chesterman .....	13
	2.2 Antoine Berman .....	14
	2.3 Problemática .....	16
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>17</b>
	3.1 Contexto da Pesquisa .....	17
	3.2 Descrição dos Instrumentos.....	18
	3.2.1 Transcrição .....	19
	3.2.2 Questionário .....	19
<b>4</b>	<b>CATEGORIAS E ANÁLISE DO MATERIAL</b> .....	<b>20</b>
	4.1 Tradução como via de Conhecimento.....	20
	4.2 Dicotomia nos Estudos da Tradução .....	21
	4.3 Pluralidade e Harmonização do Conjunto.....	22
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>24</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>25</b>
	<b>APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO</b> .....	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Mediante a todo o processo realizado durante o Estágio Supervisionado 2/2015, foi evidente a necessidade de reconhecer e estudar um pouco o tradutor. Todas as dificuldades e mecanismos para a realização deste trabalho, deram forma a questionamentos e à ânsia de procurar respostas e propor um conhecimento maior acerca do tradutor, tendo neste caso como dimensão e especificação a experiência de alunos prestes a se formar e com o desafio de traduzirem uma área desconhecida até então: a psicanálise.

A rasa estrutura de pesquisa delimitada ao tradutor foi o que mais chamou atenção, já que o que sempre está em jogo são as diretrizes da tradução e não do tradutor.

Como é o que faz um tradutor leigo numa área pouco conhecida por ele? O que esse mesmo tradutor tem a dizer sobre as dificuldades encontradas perante o seu trabalho?

Um estudo mais a fundo sobre o tradutor daria a ele a oportunidade de evitar certos mecanismos? De encarar certas dificuldades com mais segurança? Talvez essas perguntas seriam mais eficazes se tivéssemos mais dados sobre o ser pensante que traduz, do que muitas teorias que dizem respeito somente ao resultado final de uma tradução.

O desafio de tradutores leigos numa área de extrema complexidade vai ser, assim o resultante e o objetivo fundamental deste trabalho, mostrando os principais desafios enfrentados. Descrevem-se aqui as experiências grupais e individuais dos tradutores e mostra-se o resultante disso tudo.

Este estudo de caso tem como principal objetivo sinalizar questões que não somente estão ligadas à psicanálise, mas àquilo que, calado, acontece na experiência de tradutores recém-formados ou em processo de formação. São eles pessoas que apresentam um percurso nesse ofício da tradução, mas que não tiveram contato e, nesse sentido, são leigos nesse campo que foram chamados a traduzir.

Problematizar a presença do tradutor nos Estudos da Tradução, coletar informações de tradutores leigos em psicanálise por meio dos instrumentos, revelando os périplos do tradutor, analisar as informações coletadas; todos esses são os objetivos centrais encontrados neste trabalho.

A base teórica e metodológica, por sua vez, teve como foco principal o tradutor em si, para descrever o pouco que é conhecido e estudado.

O paradoxo e a pluralidade dos significantes varia de acordo com essa dimensão herdada. Trata-se de uma trajetória das dúvidas, questões diversas que requerem muitos posicionamentos, perguntas e respostas, com que o sujeito se confronta ao longo da vida. Essa é a base de fundamento: a posição do tradutor na tradução e como um tradutor leigo se sobressai nesse caminho.

No primeiro capítulo serão trabalhadas as considerações teóricas, tendo sido escolhidos para discorrer sobre o assunto Andrew Chesterman e Antoine Berman, a fim de conceituar todo o processo do trabalho em cima da problemática maior e preparando, assim, os leitores para as conclusões seguintes.

No segundo capítulo discorreremos sobre a metodologia do trabalho, quais os critérios utilizados e o porquê. Foram utilizados os mecanismos de transcrição e elaboração de questionários, o que nos trouxe as diretrizes para a conclusão do trabalho, tendo como resultante as observações feitas através do material coletado.

Após a coleta, no quarto capítulo, foi feita a análise do material bruto, donde foram retirados os principais fragmentos para a verificação e interpretação dos mecanismos utilizados e descritos pelos indivíduos envolvidos com a pesquisa.

Foi concluído, os objetivos retomados, que tradutores leigos foram analisados neste estudo, que traz consigo incentivo para que outras pesquisas sejam feitas, com o mesmo teor.

## 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Num constante se refazer, a tradução produz e reproduz a vida da psicanálise dentro da nossa língua. Um campo que muito ainda é discutido e cujas possibilidades são distintas e infinitas. É disso do que nos fala Meschonnic (2009, pp. 25 – 26) quando nos convoca a pensar o signo como acumulação familiar de saberes e quando propõe estabelecer a diferença entre São Jerônimo e Caronte, este último que transporta cadáveres, isto é, aquilo que não seria a vida, pela lagoa da Estiga. Eis a diferença quando percebemos o que chega ao outro lado da margem, pois não é suficiente pensarmos o tradutor como passador, visto que Caronte também o foi. Não vale apenas fazer passar, mas conferir o estado, como chega o que foi passado.

A tradução de textos psicanalíticos encontra-se historicamente marcada por impasses, inconsistências e inúmeras problemáticas que se deslocam entre os diversos textos e as traduções realizadas em outras línguas. Tais divergências marcam uma constante interrogação sobre a veracidade do conteúdo que se chamaria de original. No entanto, e a pesar das polêmicas, a psicanálise são seus textos e suas traduções. Eis aí a presença indissociável do conjunto: tradução e psicanálise.

As abordagens teóricas, clínicas, são capazes de nos fazer questionar e nos deparar com simultâneos paralelos que nos permeiam no dia a dia. O desconhecido talvez não seja tão desconhecido assim, mas suas particularidades podem nos levar a nos depararmos com o novo ou o incomum dentro da nossa perspectiva de conhecimento. Mesmo sendo leigas, a psicanálise é um campo que está presente no cotidiano das pessoas, nos campos coletivo e no individual. É como se fosse um ser com suas particularidades e infinidades ainda por serem descobertas. Aquilo com o qual, talvez, melhor se assemelharia seria o abismo do conhecimento, por se tratar da complexidade do ser, e a cada descoberta uma nova incógnita surge.

O nosso mecanismo linguístico e a nossa vasta inquietação com as palavras nos permitem levar e adquirir o conhecimento, ir à procura de novidades. Esse discernimento de palavras e significados nos leva a crer que muito ainda temos que analisar e que nem tudo é tão superficial com aquilo que se conhece. O tudo ou

quase tudo está ligado com as nossas escolhas, vivências e questões diárias. O aprofundamento dessas questões nos leva aos alçózes dos questionamentos e as infinitas possibilidades do campo da tradução e do campo psicanalítico.

Traduzir é uma palavra da linguagem comum, uma atividade como falar, cantar, dançar. No entanto, aquele que já se viu na necessidade de traduzir, pode perceber que há uma diferença entre traduzir e Traduzir.

Traduzir e traduzir, diferenciados pelo artifício da maiúscula e minúscula, permitem distinguir o Tradutor e o tradutor, diferenciar um conhecedor e um passador de cadáveres.

O que pretendo com as definições e diferenças do Tradutor e de um tradutor é exatamente ressaltar a ânsia de conhecimento, aprofundamento, pesquisa, questionamento, indecisão e profunda análise do agente por aquilo que se traduz, com o cuidado de desmembrar o desconhecido e tornar dentro de seu idioma, aquelas palavras úteis e vivas para quem for utilizar. Trata-se de saborear o desconhecido, tendo em vista que técnica não é o suficiente para se traduzir áreas específicas. As possibilidades são infinitas e isso é o que define e diferencia um Tradutor de um tradutor.

Apresento aqui o lugar privilegiado que a figura do tradutor tem neste trabalho. Nesse sentido, quando nos adentramos nos Estudos da Tradução como área de pesquisa, observamos certa negligência em relação a esse agente sem o qual a tradução não seria possível. Poderíamos nos questionar sobre o lugar do tradutor dentro do campo dos Estudos da Tradução a partir das seguintes questões: Qual é o estatuto do tradutor no campo? Como é apresentado? Quais as pesquisas referentes a esse profissional?

As perguntas são inúmeras e as respostas ainda estão sendo trabalhadas. Mas, como foco principal, neste trabalho foram escolhidos dois autores, com os quais temos um pequeno rascunho que nos oriente sobre as primeiras coordenadas de respostas. Assim, como base teórica para o tema abordado, vamos partir do apoio conceitual de Andrew Chesterman e Antoine Berman. O primeiro ressalta a importância e a deficiência quanto aos estudos do tradutor e o segundo evidencia as tarefas da tradutologia, dentre as quais refletiremos sobre a *quinta tarefa*, que retrata o tradutor.

## 2.1 Andrew Chesterman

Andrew Peter Clement Chesterman, nascido em 1946, é um estudioso inglês, cujo trabalho é reconhecido no campo dos Estudos da Tradução. Sua dedicação está inserida na disseminação de ideias sobre as teorias da tradução e sobre as questões metodológicas na pesquisa do campo.

Dentro desse parâmetro, Chesterman, em seu artigo “O Nome e a Natureza dos Estudos do Tradutor”, procura chamar a atenção para o lugar do Tradutor dentro das pesquisas do campo. Primeiramente, ele analisa o mapa de Holmes e localiza nele o tradutor. Trata-se de um gesto muito importante que coloca de relevo esse agente que é o tradutor, aquele que dá vida ou não ao texto traduzido, já que, como foi mencionado, esse labor pode fazer passar apenas cadáveres.

Os Estudos do Tradutor estão implícitos nas áreas propostas por Holmes. Na tradução, os estudos estão voltados para o trabalho textual e não para quem os produzem. Assim é bem assimilado por Chesterman nos seus estudos, quando cita o mapa e a visão de Holmes, que até menciona a ideia do tradutor, que não é estudado, mas está ali.

Holmes, considerado o pai dos Estudos da Tradução, em seu diagrama e ou famoso mapa, detalha a estrutura da área, com tópicos e subtópicos, o qual nos leva ao seu conhecimento e ao aprofundamento. Trata-se de uma primeira proposta sistemática de organizar os direcionamentos que estava tomando o campo da Tradução. A proposta de Chesterman, é exatamente de aprofundar as questões sobre os estudos do tradutor, tendo em vista as questões relacionadas a ele.

Promover uma compreensão expandida sobre os Estudos do Tradutor é sobretudo investir em pesquisas que se centralizem nos responsáveis envolvidos na tradução, como seus métodos, atitudes, escolhas, atividades, técnicas, meio social e influências. Tudo que o conduz e o faz, para que seja entendido e interpretado nas suas escolhas para com a tradução, já que não podemos separar o tradutor de sua tradução e vice-versa. Um está ligado à outra, mas as especificações de estudos estão concentradas somente a um deles; neste caso à tradução.

Trata-se de olhar para a pessoa que produz, que realiza, em relação à Sociologia do Tradutor, que o próprio Chesterman aponta como uma orientação do processo relevante, abrangendo diferentes pontos de vista culturais, modelos,

hábitos, condições de trabalho e fases do ato tradutório. Por vezes, debates e estudos mais centralizados no ato, e não no resultado, podem mostrar detalhadamente e abrir um leque maior de informações sobre o ser tradutor.

Nessa proposta de Chesterman, a linha tênue está englobada nas pesquisas que se concentram nas atitudes e/ou atividades, na influência e/ou história. Tudo aquilo que envolve o ser tradutor, os bastidores da tradução: o que leva, o que define, o que faz o tradutor para traduzir.

Nessa perspectiva, os Estudos do Tradutor são formados por quatro setores importantes. São eles: textual, cognitivo, sociológico e cultural. O setor textual está relacionado com as questões textuais. De fato, é nesse ponto que ele se mostra crítico e aponta que parece que os Estudos da Tradução vêm se configurando nesse espaço que prioriza o texto. Isso não pode ser considerado como algo a ser descartado, já que, de fato, traduzimos textos; porém, os outros três setores são estritamente ligados aos Estudos da Tradutor. Eles envolvem e englobam tanto os estudos teóricos quanto os descritivos; e da mesma forma os estudos aplicados.

No processo tradutório, muitos são os envolvidos, além dos tradutores. Podemos assim chamá-los de modelo agente, nome este dado por Chesterman para todos os aspectos inclusos, desde suas atividades, atitudes, escolhas, meio social, técnica e história. Neste trabalho o estudo de caso se encontraria localizado e focado exatamente nesse modelo agente e é apenas uma ideia da imensidão que pode ser estudada.

## **2.2 Antoine Berman**

Antoine Berman (1942-1991) é um dos mais conhecidos teóricos da tradução do século XX na França. Desenvolveu críticas e reflexões acerca da historicidade da tradução. Frisou que a tradução é uma espécie de condutor do saber e que deveria se tornar uma área independente para os estudos, ensino e principalmente a pesquisa.

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo saber, um saber sui generis. A tradução não é nem uma sub-literatura (como acreditava-se no século XIV), nem uma sub-crítica (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma lingüística ou uma poética aplicada (como acredita-se no século XX). A tradução é sujeito e objeto de um saber

próprio. Mas a tradução (quase) nunca considerou sua experiência como uma palavra inteira e autônoma, como o fez (ao menos desde o Romantismo) a literatura. (BERMAN, 1991, p.18)

Berman qualifica esse discurso de "tradicional", por observá-lo em dois sentidos: primeiro, por vir do fundo da tradição cultural ocidental; depois, por derivar-se de uma construção de mundo onde a tradução é tida como um dos pilares do modo de ser e de viver dos homens — por unir o passado e o presente, o próximo e o distante, o velho e o novo, ligando e estreitando a cultura, que é assim vivida como um conjunto de tradições e histórias.

Tal discurso tem três características: É *heterogêneo*, constituindo-se em uma composição de abordagens descaracterizadas e sem um “sentido” ou afirmação teórica no sentido moderno. É também *insuficiente*, dado que não possui depoimentos críticos, o que leva o autor a afirmar que "os tradutores são extremamente parcimoniosos quando falam de sua atividade. Tudo se passa como se a tradução não ousasse se afirmar em um modo discursivo" (2009, p. 672). E por fim, é demarcado pela divergência entre os partidários da *letra* e os do *sentido*, o que, mais que uma livre escolha, indica a dupla potencialidade do traduzir, ou seja, as suas infinitas questões.

Assim, podemos analisar que desde muito tempo se questiona sobre esses estudos referentes aos tradutores. E que as críticas ou as incoerências encontradas dentro desse universo, mesmo que se mostrando contra o tradutor, podem ser exatamente o seu meio de elevação e de produção positiva ao ser que traduz. Tudo depende do ponto de vista e como cada um vê e define tradutor e tradução.

A tradutologia é, então, um reflexo em si da experiência que é a tradução. Neste trabalho leva-se em conta aquela dimensão para analisar e descrever esta atividade realizada no ato (‘uma retomada reflexiva da experiência que é a tradução’, p. 676), e não uma teoria que por ventura viria reproduzir, analisar e eventualmente acrescentar no campo de estudos.

Para Berman (1991), a experiência na tradução tem uma tripla perspectiva:

Em primeiro lugar, o tradutor faz a experiência da diferença e do parentesco das línguas em um nível que ultrapassa o que a linguística e a filologia podem empiricamente constatar a esse respeito, dado que esse parentesco e essa diferença se manifestam no próprio ato de traduzir (idem).



Mediante a essa citação, podemos notar que não existe a possibilidade de separar o produtor (tradutor) da produção (tradução). Não somente o conhecimento das línguas define um tradutor, mas toda a sua vivência para com o mundo, de acordo com as suas experiências, vai definir os discursos tradutórios.

Em seguida, coloca-se a experiência da traduzibilidade e da intraduzibilidade das obras. Em terceiro lugar vem a experiência da própria tradução enquanto marcada por um posicionamento antagônico, a saber, ser restituição do sentido ou reinscrição da letra.

Após apresentar uma crítica na sua apresentação didática dos diversos discursos da tradução, Berman enumera um conjunto de tarefas designadas e possíveis para avançar na reflexão e, quiçá, na produção de novos discursos que atualizem o momento.

A quinta tarefa interessa especificamente para este trabalho. Nela Berman (1991) anuncia:

*A quinta tarefa* da tradutologia consiste em desenvolver uma reflexão sobre o tradutor, pois podemos dizer que se trata de um grande esquecido de todos os discursos sobre a tradução. Para tais discursos o tradutor é um ser sem espessura, “transparente”, “apagado”, etc. É desse modo como se veem e no qual vivem os tradutores, sejam eles técnicos ou literários. Ora, não é bem assim. Podemos pensar aqui nas “biografias” de tradutores como Amyot, A. W. Schlegel, Armand Robin, análises de “destinos de tradução” nas quais se esclareceria a ligação do tradutor com a escrita, com a língua materna e com as demais línguas. Essa analítica do tradutor, que eu saiba, praticamente não existe. Na mesma linha de pensamento, seria possível estudar como aparecem pouco, mas cada uma dessas aparições é bastante significativa.

É na sua *quinta tarefa*, que a reflexão principal está no tradutor. Consiste na discussão da invisibilidade, dentro dos textos trabalhados. Mas o autor acredita que, apesar do pouco aparecimento do tradutor, suas poucas manifestações são as mais significativas possíveis. Quanto menos o tradutor aparece, mais reconhecida e bem trabalhada está a tradução. Sua experiência tradutológica e universal das coisas é expressada nas entrelinhas e não nas suas justificativas.

### 2.3 Problemática

Diante de todos os questionamentos, a ideia do estudo de caso para este trabalho surgiu mediante a todos os problemas enfrentados e encontrados durante o processo do Estágio Supervisionado.

Todo o afazer para uma tradução ser realizada, seja ela individualmente ou em grupo, requer muitos processos que vão além da letra. Tudo o que define uma “boa” tradução, requer um estudo do ser que está por trás disso.

Analisando esses aspectos e tentando responder todos esses questionamentos, que surgiram com a experiência em si, o trabalho foi fundamentado em cima disso. Quando nos deparamos com um mundo e uma visão voltada apenas para a tradução, a conclusão e o não foco são quem a fez e as motivações para tal realização.

Perante tudo isso, utilizamos os dados recolhidos durante esse processo de estágio e fundamentamos a pesquisa dentro de parâmetros teóricos descritos a seguir. Fique ressaltado desde já que a investigação em si é apenas um primeiro passo para a imensidão que esse tema abrange no quesito de conhecimento a ser desvendado.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho consistiu em utilizar a experiência vivida por alunos em formação do curso de Letras/Tradução Espanhol da Universidade de Brasília no 2º semestre de 2015. Utilizaram-se, assim, opiniões, a própria contextualização do trabalho realizado e os resultados obtidos.

Todo esse processo foi avaliado, o qual resultou fundamental para que o estudo de caso fosse realizado.

#### **3.1 Contexto da Pesquisa**

A execução da atividade proposta para a matéria de Estágio Supervisionado de Letras/Tradução Espanhol teve como finalidade a tradução de capítulos do livro “*El grafo del deseo*” de Alfredo Eidelsztein.

Essa atividade contou com dois supervisores, um interno e outro externo.

Assim que foram designados os professores e a atividade proposta, a supervisora montou uma equipe e uma organização tanto de reuniões externas, quase sempre realizadas na Escola Lacaniana de Psicanálise, ou internas no Campus da Universidade de Brasília. Também tínhamos contatos via e-mail e

celular. Os alunos participantes, membros do trabalho proposto, ficaram responsáveis por um capítulo cada, do livro. A data de uma primeira versão da tradução foi estipulada. Assim os supervisores puderam ter uma prévia das traduções iniciadas e na reunião seguinte, já marcada, debater questões sobre léxico, dificuldades e formas de trabalho com as particularidades de cada estagiário, tentando sempre chegar a homogeneização da tradução. Os supervisores sempre se mantiveram à disposição para sanar qualquer dúvida que surgisse. Ao longo do processo tradutório, um dos estagiários por motivos pessoais teve que se desvincular do trabalho e então, seu capítulo foi dividido entre dois dos outros estagiários, que, além do seu capítulo, desmembraram um segundo capítulo. Tivemos uma segunda fase do trabalho, onde cada estagiário ficaria responsável por uma dessas atividades: revisão, lexicografia e intertextualidade. Dada a data final para a entrega do trabalho totalmente realizado, os alunos encaminharam nas condições, até a data prevista e outros não. Os alunos solicitaram, em momento, uma reunião com a supervisora interna, antes do envio do trabalho para o supervisor externo, estavam bastante inseguros com relação ao que já tinham preparado. Com a uma última reunião, debatemos bastante a experiência de cada um, as expectativas e o resultado de todos.

Para a realização do trabalho foi enviado por e-mail, em arquivo formato PDF, o livro em espanhol “*El grafo del deseo*” de Alfredo Eidelsztein para todos os envolvidos, porém, escaneado o que dificultou bastante a realização do trabalho. Inicialmente tivemos que copiar este arquivo e passar para um novo formato, DOC. Com esse processo vários conteúdos do texto foram perdidos ou adicionados, assim que tivemos que fazer uma breve correção do texto de partida. Isso tomou bastante tempo. A tradução foi feita em espelhamento, para que melhor fosse feita a revisão.

Recolhendo todos os dados, foi realizada uma análise das transcrições, reuniões e conversas de um modo geral, referentes ao trabalho executado, tendo em vista as dificuldades encontradas pelos alunos ao traduzir.

### **3.2 Descrição dos Instrumentos**

Os instrumentos consistiram em transcrição e questionários realizados com os alunos envolvidos no estudo de caso.

### **3.2.1 Transcrição**

A transcrição consiste em um método de reproduzir de sons de uma ou mais línguas, representando de forma escrita o que foi falado. Para realização deste trabalho, como um estudo de caso, a transcrição foi um mecanismo essencial.

Em todas as reuniões ocorridas, foram feitas gravações com um aparelho celular, o que prejudicou alguns áudios e a compreensão das falas, das pessoas participantes. Um dos quatro áudios foi perdido, mas isso não prejudicou o andamento do trabalho.

Para a execução da transcrição, foi necessária a escuta atenta de cada áudio, que tem cerca de 60 minutos cada. Após a escuta, passamos para a transcrição de cada um deles, pausada e repetitivamente. Escutamos e escrevemos palavra por palavra.

Naqueles casos em que houve incompreensão ou quando as informações eram dispensáveis, foram utilizadas siglas para identificar e padronizar esses tipos de elementos.

Foi utilizado duas siglas, NC para os casos que os áudios não foram compreendidos e FC para quando os assuntos não estavam dentro do contexto do trabalho.

Logo após a transcrição realizada, escutamos e acompanhamos o trabalho transcrito.

Alguns cortes foram realizados, já que os assuntos nada tinham a ver com o conteúdo e trabalho abordado. Os nomes foram mantidos em anonimato.

### **3.2.2 Questionário**

O questionário consiste em instrumento de coleta de informações. Composto por um grande ou pequeno número de questões, apresentadas por escrito, que têm como objetivo propiciar conhecimento ao pesquisador.

As perguntas formuladas foram geradas durante um período de análise com base nos dados das transcrições, reuniões e elementos dos relatórios apresentados pelos estudantes que realizaram o estágio supervisionado. As perguntas foram elaboradas em cima das informações que foram consideradas pertinentes para os propósitos da pesquisa.

Foram feitas quatro questões, para serem desenvolvidas pelos participantes, todas elas baseadas nas experiências de quem as responderiam. Enviados por e-mail, os questionários tiveram um prazo para serem respondidos e devolvidas à pesquisadora.

## **4 CATEGORIAS E ANÁLISE DO MATERIAL**

Após a análise do material de transcrição e questionário, encontramos três elementos cruciais como resultantes do trabalho. São eles: tradução como via de conhecimento; dicotomias nos Estudos da Tradução; pluralidade e harmonização do conjunto.

Cada um desses elementos será demonstrado com fragmentos recolhidos da transcrição e do questionário, mostrando assim o quanto as ideias se encaixam e como, mesmo que a opinião seja particular, as concepções se encontram, de tal forma que as dúvidas também. O consenso de ambos os participantes nos dá um parecer, mesmo que breve, das conclusões e sugere que parte das incertezas dos tradutores, são as mesmas em diferentes qualificações.

### **4.1 Tradução como via de Conhecimento**

Muito foi falado e questionado sobre o conhecimento. Como traduzir uma área com a qual não tenho muito envolvimento? Como traduzir essa área específica, como é a psicanálise ou qualquer outra área “restrita”?

As dúvidas foram bastante discutidas e temidas em várias reuniões e a própria opinião, demonstrada nos materiais de análise:

*“Cheguei à conclusão que não é necessário o domínio do tema que se pretende traduzir, mas sim curiosidade e conhecimento dos códigos em questão. ”*

*“A importância do conhecimento na área para qual se traduz é muito importante para que sejam feitas traduções de qualidade, no entanto, no meu ponto de vista, não é necessário que se tenha um conhecimento total. ”*

*“...as pessoas que leem, se elas têm algum domínio da leitura, da língua, se elas conhecem o espanhol? ”*

*“Pela experiência que venho adquirindo, percebo que um pesquisador em tradução iniciante tem mais dificuldade justamente com relação às pesquisas que devem ser feitas na hora de traduzir. Um tradutor pode sim traduzir textos de diversos gêneros e âmbitos profissionais, mas reconheço que é uma atividade que exige muita concentração e pesquisa. É muito importante para um tradutor ter uma base teórica, saber onde fazer suas pesquisas e por onde iniciá-las.”*

Com os fragmentos acima, percebemos que o controle da nova área a ser traduzida não precisa ser total, mas que o anseio pelo saber e o interesse do tradutor é o que vai mostrar e demonstrar suas habilidades e seu potencial.

É isso que queremos dizer, quando citamos a tradução como uma via de conhecimento. Ela transmite o saber, através das suas traduções e faz despertar o interesse daqueles que trabalham com ela. A ânsia por mais conhecimento acaba aflorando para que melhor ela seja transmitida. Como uma via de mão dupla, quanto mais se tem interesse em aprender uma nova área, mais domínio se terá sobre ela e mais conhecimento será passado.

## **4.2 Dicotomia nos Estudos da Tradução**

Os conceitos abordados nos ensinamentos da tradução e as diversas linhas teóricas que nos são passadas durante o percurso de graduação nos levam às dicotomias existenciais e notórias.

*“Nesse conhecimento prévio, já houve aqui algum debate com relação ao sentido do que vocês estavam lendo. ”*

*“Na minha questão foi por não saber muito da área. Então falei: não vou tentar achar um sentido pra uma coisa que não conheço. Então eu preferi manter. ”*

*“Só que dá um receio de mexer no texto, você pesquisa, você sabe o que que é mais ou menos, mas você deixa a palavra, não muda tanto não. ”*

*“O problema é identificar em que momento eu posso fazer isso. Em que momento eu não posso fazer isso. Porque aí em que momento eu não posso fazer isso, porque eu comprometeria a densidade de uma explicação. ”*

*“Essa eu acho que vai ser a dificuldade de saber quando é e quando não é. Quando eu posso ou quando eu não posso. ”*

*“... um grau de legitimidade muito alto para os padrões dos clientes e leitores de determinada área e se mescla ao código de destino tornando-se, de certa forma, um intruso fiel. ”*

Verificamos a constante imparcialidade e insegurança a respeito do sentido e ser fiel ou não ao original. O peso que isso reflete nas traduções, é bastante persistente e considerável, levando o tradutor a um certo bloqueio e hesitação ao traduzir, questionando seus conhecimentos e o deixando, assim, mais receoso quanto às decisões tomadas para sua tradução.

### **4.3 Pluralidade e Harmonização do Conjunto**

Quando se abrem as portas do conhecimento, começam a se advertir os problemas na sua complexidade. Isso já se inicia numa individualidade, quanto mais em um trabalho realizado em grupo. A densidade e o cuidado com cada particularidade levam à pluralidade de conhecimento, debates e ideias e a harmonização do conjunto chega à conclusão de todas essas ideias, reunidas em uma só.

*“..., mas no contexto geral da leitura vai ganhando forma o que eu estou querendo dizer e o que estamos discutindo. Então a sequência da leitura envolve possíveis falhas, mas lógico que as falhas pontuais num conjunto a gente minimiza.”*

*“Mas é necessário ser homogêneo em todas as traduções feitas. ”*

*“Algumas coisas na tradução que ficaram errada, às vezes é falta de atenção/.”*

*“Na tradução, podem ser bons para a produtividade. Quanto mais tradutores, mais rápidas as traduções podem ser realizadas. Minha preocupação é com relação ao estilo. Um único texto traduzido por diversos tradutores tende a não ser tão homogêneo, ou seja, estabelecer talvez vários estilos e dificultar a invisibilidade dos tradutores. Com certeza uma boa revisão pode fazer com que o trabalho em grupo seja de boa qualidade, aumentando a produtividade e ajudando a manter a qualidade da obra. ”*

*“Pontos positivos é ter uma equipe com a qual se pode contar para sanar dúvidas e pedir opiniões, assim como dividir as responsabilidades, os méritos e os*

*deméritos do trabalho. Já os pontos negativos na área profissional seria ter suas ideias julgadas democraticamente e algumas vezes abandonadas e também ter que lidar com diferentes padrões de traduções que às vezes não são satisfatórias e comprometem a sua visibilidade, pois está atrelado ao resultado final da obra. ”*

As atividades podem ser positiva e negativamente julgadas. Por um lado a avaliação, está atrelada aos cuidados de um texto por várias pessoas que estão em busca de um mesmo resultado. O problema está no processo em que se chega à homogeneização do texto, do estilo que cada um tem, das falhas, dos caminhos cruzados para se chegar a um destino final onde todos se encontrem.

Acompanhar todo esse raciocínio leva a constantes problematizações e soluções, o que encoraja ou desmotiva alguns membros do grupo.

A integridade do texto é o parâmetro principal, sendo que o comprometimento e produtividade de todos levam ao êxito de uma boa tradução.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante a experiência realizada durante o processo de Estágio Obrigatório do semestre 2/2015, as observações encontradas nos levaram para o início dessa pesquisa.

Os métodos de pesquisa só evidenciaram as problematizações e incertezas existentes, encontradas pelos tradutores. Aqui demos um olhar para os alunos em formação na área de Tradução e que estavam diante de uma área pouco evidenciada, perante as demais.

Todo estudo de caso nos levou ao ser tradutor a pessoa que traduz. E isso nos remeteu às infinitas prerrogativas levadas às suas considerações fundadas e infundadas, tendo em vista que, tanto numa parte teórica como não, tudo o que remete a esse ser são realidades superficiais e que às vezes não são levadas a sério, já que todos esperam o resultado da tradução e não do ser pensante que a realiza.

Uma das principais ideias deste trabalho é investir num convite ao conhecimento do tradutor. Em direção ao tanto que ainda temos que aprender, consultar e avançar nos seus estudos. Trata-se de voltar o olhar para as particularidades, as subjetividades, a pluralidade de um ser que tanto expõe e expande sua cultura e conhecimento de dentro para mundo afora.

O abismo desse assunto desafia a nos questionarmos sobre o rumo e os meios que o ensino da tradução tem tomado e, principalmente, as singularidades que o tradutor tem e que foram pouco esmiuçadas.

Diante a todo esse processo de pesquisa, concluímos que os estudantes, enfrentando uma etapa mais próxima da realidade profissional, encontram e se deparam com problemas e diretrizes que lhes foram apresentados no início de sua formação. E que muito ainda temos que aprender sobre o indivíduo tradutor, pois suas infinitas realidades, desconhecidas, são fonte potencial de mais conhecimento que ainda está inexplorado para essa área de estudos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. Trad. Marlova Aseff. ALEA, v. 11, n. 2, p. 341-353, 2009.
- BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan y Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BRAGA, Camila Nathália de Oliveira. INDAGANDO O PERFIL DE TRADUTORES EM FORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO. Belo Horizonte. 2007.
- BRAUNSTEIN, Néstor A. LA TRADUCCIÓN DE LO INTRADUCIBLE EN PSICOANÁLISIS. A aparecer en LAS NUBES # 8. Enrique Lynch, ed. Barcelona, febrero de 2008.
- CHESTERMAN, Andrew. O nome e a natureza dos estudos do tradutor. Trad. Patrícia Rodrigues Costa, Rodrigo D'Avilla Braga Silva. Belas Infiéis, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014.
- CORACINI, Maria José. A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO TRADUTOR: A QUESTÃO DA (AUTO-) CENSURA. Tradução & Comunicação. Revista Brasileira de Tradutores. n. 17, Ano 2008.
- CUNHA, Renata Cristina. A PESQUISA NARRATIVA: UMA ESTRATÉGIA INVESTIGATIVA SOBRE O SER PROFESSOR.
- ESTRADA, Dulce Duque. O analista, o tradutor e o impossível. Tradução em Revista 7, 2009, p. 01-07.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Somos todos tradutores. Trad. Bernardo Tanis. Revista Brasileira de Psicanálise. V. 43, n. 1, 33-38 - 2009.
- PONTE, Ricardo Rodríguez. A TRADUÇÃO COMO POLÍTICA. CONVERSA COM RICARDO RODRÍGUEZ PONTE. Ent. Adriana Bauab, Alejandra Ruíz. Trad. Alba Escalante. Kamilla Pacheco. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.1, n.2, p. 72-89, 2015.

## APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO

### TRANSCRIÇÃO ÁUDIO 1 E 2

1.A: Eu queria primeiro apresentar vocês formalmente né, eles são alunos do Curso Traduções de Espanhol da UnB. Daqui a pouco formados né, esperamos, e dentro do nosso fluxo há uma matéria, registrada como uma disciplina, Estágio Supervisionado. O Estágio Supervisionado que tem um regulamento que eu passei pra você, (FC).

2.C: Não, não passou!

1.A: Tá, vou passar pra você o regulamento, tem um regulamento no sistema, (NC) entregou. Então a ideia é que esse estágio fosse iniciado aqui, adaptando um pouco o regulamento ao que seria as nossas necessidades e ao esquema de trabalho que a gente vai estabelecer. O fundamental desse estágio, dentro do que é a formação do tradutor, são dois pontos:

- Um, que o estudante se encontre numa situação que se aproxime daquilo que é o trabalho fora da universidade, essa é a primeira questão.
- A segunda questão é que, dentro dessa experiência de trabalho, consiga também, entrar num processo de aprendizado. Digamos, vamos supor que depois do estágio vocês tenham que fazer um relatório sobre a experiência desse estágio, que certifique essas duas coisas: como foi esse primeiro encontro com o campo laboral e o que saiu disso num aprendizado.
- Então cada estágio será nosso período de aprendizagem diferente, o que tem de mais diferente nessa experiência aqui é o fato de nunca ter sido feito um estágio numa escola (NC). Então, digamos que nesse sentido nós temos que ser mais exaustivos sobre os efeitos, como que essa experiência se configura. Eu queria que o Claudio explicasse um pouco como é que surge esse grupo, esse tema, esse texto, pra gente poder fazer o link das duas coisas.

2.C: Essa aqui primeiro é uma escola de psicanálise de Brasília, o espaço físico é esse. A gente tem várias atividades aqui que a gente disponibiliza, elas fazem parte de um programa de formação psicanalista ou podem fazer de um trabalho simplesmente de uma discussão psicanalítica (NC). Bom, entre as várias atividades que a gente tem aqui, a gente tem as que se denominam grupos de trabalho: a gente pega um tema e algum membro da escola fica responsável por guiar esse grupo e aí é discutido o que tem no livro, enfim, seminário, algo escolhido é discutido nesse grupo. Bom, esse semestre eu comecei um grupo aqui e aí resolvi pegar o livro do Alfredo (NC), não sei se vocês tinham visto fisicamente, esse aqui. A princípio trata-se de um livro curto em número de páginas, mas bastante complexo nos assuntos tratáveis, nos instrumentos que ele usa para tratar essas questões de psicanálise, mas enfim o livro foi esse, “O Grafo Desejo” que é o título do livro (NC). Ele é extremamente importante, aliás na própria palavra “desejo” na psicanálise é fundamental. Mas esse grafo “desejo” na psicanalítica é extremamente importante, aparece toda a hora, com frequência constante. Bom, ele é um instrumento topológico, antropologia manda em matemática e lida com essas questões de espaço, relações quantitativas e todo o ensino. Lacan é representado e vai ser discutido em todas as esferas do ensino do Lacan a partir desse conjunto que tem palavras, tem letras, tem setas que indicam o caminho e é isso que a gente está trabalhando em esse meu grupo, que é semanal e eu coordeno o grupo. O grupo é da escola e qualquer um que entra na escola pode vir pra cá e participar dele. A gente aborda agora esse grafo, seguindo a explicação do Alfredo. Tivemos no último encontro, oito pessoas presentes nesse grupo, entre psicanalistas (NC). O mais importante é que as produções desse grupo vão ter implicações práticas tanto teóricas, principalmente para os psicanalistas que estão aqui, quanto mais importante na clínica desses psicanalistas. Então é, já vamos pra parte da introdução. Tem uma tradução bem feita desse livro, eu acho que importante (NC), essas questões, desenvolvimento teórico, aplicações clínicas desses psicanalistas e mais, eventualmente esse livro sendo traduzido, como é que a gente está fazendo aqui leitura, eu pego e começo a ler. De ante mão eu já sei quais vão ser as páginas da minha aula, pego as palavras que tenho dúvida (NC), venho pra cá e leio, ou então, se eu não leio, eu (NC) mas meu mecanismo é sempre esse e isso está

aberto a falhas, se é sistemático, bem feito, conhecimento de quem está fazendo, estão está um pouco de amadorismo. E se esse livro for todo traduzido, no contexto que a gente está querendo, o uso dele não vai ser só na escola aqui em Brasília, quanto em Vitória e no Rio de Janeiro. A escola de psicanálise com esse nome, essa expressão existe em Vitória e no Rio, certo, então são as esferas que esse livro traduzido vai atuar num geral.

1.A: Você poderia descrever um pouco mais, seria interessante pra nós, entender um pouco e com mais detalhes como vocês fazem essa leitura com o livro em espanhol, porque isso é o que a gente a pessoa que está do lado da psicanálise faz com a tradução, e o que nós podemos fazer (NC).

3.H: Outra dúvida também, no caso as pessoas que leem, se elas têm algum domínio da leitura, da língua, se elas conhecem o espanhol?

2.C: Na verdade até hoje quem leu foi somente eu e outro cara e o nosso procedimento nosso é assim: nós temos noções de espanhol, consegue pegar alguma frase, sílaba, mas em cinquenta palavras eu esbarro em duas no máximo. Quando isso acontece, vou na internet ou dicionário, daí vamos para cá e a leitura flui e o foco fica mais na que está sendo gerada. Por isso pra gente discutir, mesmo se a leitura de uma frase foi errada, aquela frase fica comprometida, mas no contexto geral da leitura vai ganhando forma. O que eu estou querendo dizer e o que estamos discutindo. Então a sequencia da leitura envolve possíveis falhas, mas lógico que as falhas pontuais num conjunto a gente minimizar.

1.A: Quanto tempo tem o grupo, até quando vocês foram, até aonde vocês trabalharam?

2.C: Começou no dia 9 de agosto, nós já lemos um trabalho até o final do último capítulo e assim, nós vamos lendo, para, discuti, tem aula que lemos apenas quatro parágrafos só e fica explicado e rende mais, tem aula que conseguimos ler dez páginas.

4.A: Mas todos os alunos têm acesso a esse livro?

2.C: Todo mundo tem uma cópia e vai acompanhando, às vezes a pessoa vai lendo e não tem conhecimento de espanhol, ele não sabe se ouve ou se lê.

4.A: Nesse conhecimento prévio, já houve aqui algum debate com relação ao sentido do que vocês estavam lendo, tipo, você interpretou de uma forma e outro aluno de outra forma e isso gerou uma discussão?

2.C: Sim, foi uma discussão rapidamente resolvida, pelo sentido geral, não teve nenhuma palavra que a gente parou e ficamos sem entender, às vezes acontece no ato da leitura você dar uma travada, alguém que pegou a ideia fala: é isso e pronto assunto resolvido. Embora eu acho isso, quem vai ler trabalha previamente, se eu falar, você vai ler na aula que vem, a pessoa vai ler antes.

1.A: E você tá fazendo isso, tá distribuindo?

2.C: Por enquanto não, por enquanto tento desmanchar um pouco, porque entendo do assunto.

1.A: Qual é o conhecimento prévio na área de psicanálise que tem o grupo?

2.C: Variados, temos Química, nós temos algum percurso da leitura do Lacan e gente está chegando agora no curso de introdução, um curso sobre a crítica psicanalítica e nesse curso temos quarenta pessoas, no auditório, a gente abril agora, nos próximos dois meses, pra quem estiver fazendo o curso, poder vir pra cá, então com certeza desses quarenta tem alguém que está tendo o primeiro contato com a psicanálise e se interessou e entra no grupo.

4.A: Dentre esses cursos oferecidos é somente esse livro trabalhando ou dentre eles existem outros?

2.C: Cada grupo tem uma forma de conduzir. No meu grupo tem esse livro e no outro grupo tem outro livro que é o do Senil, que é outro livro traduzido para português (NC), mas já o outro grupo que tenho é o seminário do Lacan e são vários, a gente vai recortando seminário, no meu grupo tem esse que é lido página por página.

1.A: Agora se a gente pensar e pegar um dado de vocês, três grupos que estão em andamento tem como base textos que não são na língua portuguesa, no caso dos outros dois grupos, são textos traduzidos um do francês e o outro livro vem traduzido do espanhol para o português, então digamos isso é uma característica da escola trabalhar com traduções, fundamentalmente com o texto traduzido é um material de trabalho na maior parte e que nos 70% dos casos o material de trabalho é texto traduzido ou tradução que se faz na hora, o que é curioso é que nesse caso eu tenho uma particularidade e não é o texto traduzido é que está em processo de tradução, digamos, é o que se sabe da matéria para traduzir, digamos, qual a característica? O Claudio sabe de psicanálise, conhece alguma coisa da língua, então ele vai traduzir, qual é o caso de vocês? Vocês são conhecedores da língua, qual a ação, ofício do tradutor? Então essa é a (NC) do tradutor.

2.C: Em cada caso específico, se eu ouvir uma pessoa falando rápido espanhol (NC) vai travar um pouco, claro, a gente perdeu tempo em uma iniciativa de falar, mas se eu tiver que pegar um texto e for lendo flui melhor, vai ser relativamente tranquilo, mas não tem influência na fala.

1.A: É mais um conhecimento instrumental da língua que permite a leitura.

4.A: Você já começou a ler as traduções que nós iniciamos?

2.C: Já sim!

4.A: E saiu fora alguma coisa do contexto do que você já havia lido pros seus alunos?

2.C: Eu tenho sete anotações aqui.

1.A: Quais são as anotações?

2.C: Vou pegar um contexto geral, primeiro uma inspeção que aparece no texto, constantemente em português (NC), a gente tem que definir sobre ela e algum ponto eu vou falar, fará falta discutir tal coisa e isso tem outro sentido em português, as vezes fará falta em algum sentido já importante, já preciso, (NC), já a inspeção já traduzida diretamente.

1.A: Teremos que traduzir, teremos que discutir.

2.C: Fará falta discutir tal questão.

1.A: Será necessário.

2.C: Exatamente!

1.A: É a ênfase da questão.

2.C: Temos que definir alguma referência, pois elas se parecem demais.

1.A: Se você diz, fará falta.

2.C: Em português, fará falta discutir tal coisa, ou sei lá, fica estranho. Outra questão, em relação ao português, o uso de esse, este, isso, isto, disto, disso, várias conexões eu fiz disso.

1.A: Isso é um problema da nossa língua, isso é um problema interessantíssimo. Você teria algum critério, algum exemplo?

2.C: Tenho! Vocês escreveram toda uma ideia assim, ai chega embaixo e fala “esse problema”, tem que ser “este”.



1.A: E isso não é um problema menor de anos, é justamente a construção de pensamentos.

2.C: Voltando ao assunto, nesse trabalho precisa falar né, mas eu tenho um ponto pra colocar no ar, estão vendo esse alguém falando do Lacan, e ela disse, falar é um coisa e escrever é outra, o que eu quero dizer aqui é quando você fala, você está meio que distraído, quando você escreve, tem que parar, (NC), sendo que essa separação, não é tão assim, eu posso ter uma fala extremamente lógica, pausada, pensada e isso é escrito no sentido que o Lacan tá dizendo, como posso fazer uma redação cheio de blá blá blá, eu tenho um texto que eu estou escrevendo e essa fala diz o que estou dizendo.

1.A: A gente poderia dizer, por exemplo, que a Clarice Lispector escreve ou fala?

2.C: Ali é um blá blá blá, mas é muito lógico o que ela está querendo, ali ela não quer colocar questão essencial, ou pensar naquela frase dela.

1.A: Digamos, eu estou tentando olhar alguma coisa contrária a essa separação.

2.C: Por que e estou dizendo isso, o Lacan nos seminários dele, ele não chegava lá e falava, vou falar sobre tal tema, tinha toda uma preparação, um encadeamento, vou pegar o do Alfredo que é o autor do livro, todo vídeo que eu vejo dele na internet, toda fala dele, ele está com o texto já pronto, extremamente lógico, sequencial, com palavras escolhidas e ele reproduz esse texto aí geralmente ele para, fala alguma coisa sobre o texto e volta, assim tem algum encadeamento na mente dele que se as separações que ele faz realmente estiver acontecendo, a fala dele é uma escrita, eu tenho muitos elementos de escrita, pode ter sido falado, mas qual a base foi falado em si?

1.A: É interessante isso que você falou, porque ali temos a fala dele, vamos supor, num esquema (NC), ele dá umas aulas e isso é a transcrição de aulas, só que pra ele dar essas aulas, ele já tinha preparado alguma coisa, a gente tem que trabalhar

com a ideia (NC), que é muito boa pra tradução, pra ideias de tradução, pra pensar, ele já tem um conhecimento prévio com uma preparação da aula, ele vai de fato dar aula e depois dessa aula é submetida como diz no início do livro, a uma série de transformações, então ela vai uma fala que mantém um traço de fala, no sentido de um fluxo de pensamento que está sendo construído, embora tenha um esquema prévio, mas por outro lado, como foi manejada pra virar livro ela também tem uma ala impressa. Daí a minha questão é, o quê que vocês poderiam fazer em relação a isso, porque perante isso nos encontramos num problema que não está no Alfredo, está na tradução que é a língua portuguesa apresenta um traço oral que é muito ajustado e é muito maior do que poderia ser na língua de partido. Então eu posso ler isso aqui como um escrito, porque não há uma distinção, a minha pergunta é, será que é um critério que a gente tem que negociar? Eu acho que é um problema pra já partir de primeira pra gente pensar. O que você acha sobre isso?

2.C: Na leitura do texto, parece que está com um cadeado lógico em tudo, não tem nenhuma que está solta sem contexto, na minha visão. Eu leio esse livro mais com um encadeamento lógico.

1.A: Ele tem uns tipos de linguagem que são próprios ali né, uma série de elementos.

3.H: Eu acho interessante porque os traços da oralidade, acho que a ideia inicial é essa no caso, é ser dado com uma aula, eu acho bacana essa ideia de manter essa linha, mas realmente tem uma certa dificuldade nessa questão oral de você trazer português.

1.A: (NC), língua escrita não aceita pronome como início de frase, pronome obliquo, o espanhol aceita, a gente transcrever um pouco a língua portuguesa em função de recolher um traço (NC), uma transcrição da norma escrita é essa decisão da norma escrita que vocês tem que tomar e essa não é uma decisão fácil porque é uma decisão que se toma em cada momento do texto, ai pra dar uma deificação dessa oralidade, como ela é mais seria distribuída no texto, como uma tradução coletiva? Acho que esse é uma pauta para discutir entre os tradutores.

2.C: Vamos dar continuidade aqui. Senti falta da inversão de termos na fluência da frase, tem hora a tradução está muito igual, em português em inversão também o final da frase vem antes, o sentido da palavra vem antes. Outra questão várias frases deles começam com “si” e algumas opções estão “si”, em português “se” e alguma coisa isso constantemente, entender um pouco em relação a oralidade no começo de quais frases.

1.A: Isso faz parte do estilo dele é a formulação de contas, tem a ver a com a forma que ele está formulando as coisas partindo (NC) hipótese.

2.C: Nesse ponto no português, a gente tem que usar “si” em algumas coisas, é possível, mas eu vejo mais uma vez que, várias frases em sequência começando com “si” em português perde o sentido.

3.H: Acho que até a questão pelo pouco que eu vi é uma questão mais dos traços da oralidade, mais coloquial, a forma como é falada. Então eu acho que a repetição é um traço do próprio autor.

4.A: É a explicação dele, são as hipóteses.

3.H: Se você modificar, fica o português corrigido a notação não repete muito termos, a questão e pontos e tudo mais, daí se modifica pra não ficar repetitivo.

2.C: (NC) se eu pensar assim, essa expressão é muito (NC) das coisa que ele está fazendo ali (NC) mais ainda.

1.A: A gente pode trabalhar em função (NC), ele tem muitos vídeos na internet, então tem muito material do Alfredo, como vocês estão trabalhando com esse traço estudem ele um pouco pra ver se realmente há uma mania nele, isso é fácil de detectar e ver até onde isso realmente isso pode ser arrumado no texto, digamos, pra ter uma leitura mais fluida.

2.C: E outra, vou pegar os problemas, a tradução está legal, mas vou pegar nos pontos que (NC), e talvez até ligado (NC), várias vezes ele está fazendo uma frase e de repente esse “y”, em português as traduções estão vírgula “e”, o “e” depois dessa vírgula tem uma série de exceções para o uso, são poucos os casos de uso e tá sendo feito direto “e” e uma série de palavras, talvez em espanhol tenha sentido na oralidade.

1.A: Na oralidade que a gente usa e feito muito isso.

2.C: Como colocar isso em português mesmo com versos de oralidade eu não sei. Outro ponto, o uso da (NC), eu pesquisei, alguns são duvidosas, mas com um certo cuidado (NC), em alguns casos aqui o uso não estava adequado, um pouco de atenção, a mesma coisa o uso da crase na tradução do espanhol pro português o português exige um pouco de atenção.

1.A: E isso não é um detalhe qualquer, pois isso tem a ver com a (NC), do verbo e isso na psicanálise é fundamental, entender qual é a regência desse verbo, se tem uma preposição ou não, se tiver uma preposição porque e isso pode sacrificar ideias valiosas, então é mais que uma questão norma da língua, o que a gente está cuidando é justamente manter o que tá no texto, isso não é coisa de normativismo.

2.C: Outra coisa que eu senti no texto a tradução está indo bem e de repente o tradutor cansou, parece que ele foi tomar uma água, que assunto chato, não estou entendendo nada e volta e faz a tradução correndo, eu senti isso ao longo do texto, porque o assunto é chato.

1.A: O assunto não é chato, o assunto é um assunto.

2.C: O que eu percebi é que tem 1de um à oito erros seguidos e depois volta ao normal, tem que manter a pegada sem essa variação, ficou claro aqui em algumas passagens. Em relação ao assunto, tem hora que nesse livro que ele vai falar de um tema (NC), e o tema faz uma metáfora ou cita uma outra área em que aquela expressão é usada, tal coisa vem de tal área e essa área é isso. Buscar nessa área

que ele citou e buscar entender o que ele quis dizer pra fluir, um exemplo: tem hora que ele cita o ponto de iscofo.

1.A: No espanhol se utiliza as três formas (NC), e eu fico com uma dúvida, sé “eu mesmo”.

4.A: Eu traduzi igual, eu procurei nessa escola do Rio de Janeiro no burguês “ponto de capitón” capiton e espanhol, não capitão em português.

1.A: Na verdade isso vem do francês (NC).

2.C: Na verdade esse ponto aparece, em referência (NC). O que é isso da tapeçaria? Aquele ponto não foi bem colocado, a extensão só faz referencia ao que vai aparecer ao longo mesmo e as passagens, tentar ir lá aonde ele apontou a área dar uma mexida de voltar.

1.A: Então, isso ai configura um tipo de trabalho que a gente conhece como versão critica, nós não vamos fazer uma tradução, nós vamos fazer uma versão critica. O que é uma versão critica? É aquela na qual o tradutor pode começar a fazer uma lista de notas onde justamente vocês podem colocar aquilo que causou em vocês na hora da tradução um estranhamento “x” e vocês foram lá e encontraram e acharam que nesse corpo de notas isso pode ficar mais claro para o leitor, eu acho que isso seria muito rico. Porque não é só pra vocês esclarecerem é pra esclarecer e deixar marcada a hora, isso que diz aqui é referente a tal coisa, fazer uma escolha de coisas específicas e ali tem duas coisas: primeiro a gente tem que ver, qual a linhagem dessa palavra nesse contexto específico vem em francês, depois (NC).

2.C: Traduzindo somente duas, traduzindo a expressão ponto (NC).

1.A: Então ai vem o outro trabalho que tem a ver com vocês justamente vamos procurar “ponto de capiton” tem a ver com francês e a gente fala em português e espanhol. Não sei se ele vai manter (NC). se é a mesma coisa, se é diferente e o

quê que a gente vai fazer com isso, isso é um problema de tradução que a gente precisa resolver

2.C: Iguais a esse ponto acho que são poucos, tem alguns, mas não vai ser toda hora, mas é isso. Outra coisa, atenção no uso da vírgula, ponto e ponto e vírgula, tem essa questão da oralidade dele, várias tem ponto e vírgula em frases imensas como que fica isso?

1.A: Isso foi uma coisa que a gente comentou, eu fiz um ponto, daí a gente vai traduzido vírgula, quando eu olhava eu não sabia aonde estava o ponto, então temos uma pontuação artificial, então nós temos que criar uma segunda (NC).

4.A: pontuação é artificial no caso, então trocando pro português a gente vai ter que manter isso e vai ficar um pouco estranho ou a gente vai ter que adaptar o português e isso vai levar (NC), ou vai perder daí tem que ver se vai querer a originalidade da transcrição original, essa pontuação nesse caso que ele está trazendo ou oralidade que está (NC).

1.A: Mas isso não pode acontecer, aí que vem o trabalho de revisão ele vai permitir que ele crie um sistema de artificial é claro e obvio que a gente vai manter a artificialidade da pontuação, isso é um ponto de interpretação de leitura, esse vai ser um problema pra nós. Vamos fazer um seguimento da pontuação em português que tem em espanhol, primeiro que a pontuação das duas línguas é diferente, segundo, já é artificial, então do meu ponto de vista nós só vamos criar um artifício que vai ter um nível de interpretação.

2.C: Mas é necessário ser homogêneo em todas as traduções feitas, as referencias do texto que estiver traduzindo.

1.A: Mas a gente não pode cada vez que aparece ponto e vírgula, (NC), digamos, é uma coisa que a gente vai ter que cuidar na hora da revisão, o quê que acontece na hora da revisão em que você vai poder dizer, eu coloquei a pontuação aqui e isso vai dizer "x" e aqui "y" então quais das duas seria mais conveniente? É isso que você

tem que fazer dentro do momento da tradução. A interpretação que vai valer a princípio é de vocês, então essa interpretação tem que ser submetida ao júri, então se eu colocar uma vírgula aqui eu estou separando de tal forma, se eu colocar um ponto, fica diferente, o que eu faço? O sistema de pontuação é muito útil, até pra gente fazer uma boa leitura e é muito diferente a pontuação da nossa língua. Tradução para português tem sempre um conflito.

2.C: (NC), peguei umas duas passagens que não bem o “que” as vezes cabe mais o “qual” ou “o que é” uma sutileza em alguns pontos. E outra é a questão de tempo verbal o jeito que a gente começa uma frase (NC), “pegamos então uma banda de moedas” pegamos ou peguemos?

1.A: Se você introduzir o subjuntivo não é a mesma coisa (NC), completamente diferente.

2.C: Algumas coisas na tradução que ficaram errada, as vezes é falta de atenção. Termo que já apareceram aqui nesses três capítulos e a gente pode até (NC), em todas as traduções apareceu ensinamento, eu tenho duvida se a expressão e do ensino de Lacan.

1.A: (NC) essa é a única alternativa.

2.C: Então a gente vai definir isso, em relação ao Lacan, tem horas que ele (NC) A expressão em cima de Lacan já é tradicional nas escolas de psicanalítica.

1.A: Ela diz que (NC) no texto, de Lacan e toda sua obra, ali tem um texto que (NC) que também vem do francês que se chama (NC).

2.C: O último ensino de Lacan também está com a expressão em francês (NC) e em português tem sim umas exceções.

1.A: Na verdade tudo isso vem do francês, não é um problema das duas línguas é o que está antes e é uma coisa muito bacana da psicanálise, às vezes o problema não é ali entre elas é a linhagem da palavra ou uma eleição meia (NC) dessa tradução.

2.C: Entra essa questão que eu falei a gente pode concordar então (NC). Outra, o Lacan usa um modelo chamado modelo óptico, em português pode-se traduzir em óptico ou ótico, eu vejo aparecer mais óptico, mas os modelos nos modelos eu achei as duas coisas, mas no geral, nos textos que se refere a Lacan aparece mais óptico. A gente pode ver o que é mais recorrente.

1.A: Os escritos tem um monte de material do Lacan traduzido pro português que é o corpo que vocês podem utilizar que são todas (NC) escrito no seminário, está tudo isso escrito e tem o espanhol e o português, então vocês sabem fazer (NC) e é aí que a gente pode ver quais são os número de ocorrências que tem essa palavra, por exemplo: seminário um, e pega os escritos e é aí que a gente vai ter uma contabilidade, dessa contabilidade o nosso critério é da por “x” ou “y” já com o critério que é o que interessa nesse caso. Agora não sei se a língua portuguesa dá alguma justificativa ou uma referência a esse “p” ou esse sem “p” que também possa ser usada como critério no padrão mais brasileiro, então a gente bota uma psicanálise brasileira que tenha um traço da língua que é mais comum. Então temos várias possibilidades que a gente pode resolvê-las.

2.C – Outra expressão é “pré-consciente” (NC) vai aparecer várias vezes essa expressão e tentar de forma correta. Outra é um instrumento topológico que ele está usando que se chama “toro”, toro é como se fosse uma borracha de pneu. Outra expressão “más allá”.

1.A: Isso é um ponto de atenção. Cada vez que cair “más allá” nós temos que parar e falar o que é isso? Você aí tem as opções de “mais além” “mais a quem”

2.C: Quando a gente fala de “além” a expressão que eu acho é “mais além”.



1.A: Em espanhol (NC) e você vai agregar a alguma coisa, além disso (NC) ele usa “más allá” pra qualquer coisa.

2.C: Entre as várias possibilidades tem “além” “a quem”, dentro das possibilidades tem problema um exemplo é “mais a quem” temos para quem, tem a abertura e a sub abertura, então é mais isso um ponto pra ser discutido. Outra expressão em espanhol (NC) se traduzirmos seria o que queres.

1.A: Na verdade essa é uma expressão do italiano e tem uma forma de (NC) que se utiliza isso, tem um cara que escreveu um conto e ele utiliza essa expressão. Eu já um texto que falava que no próprio italiano (NC) é uma construção um pouco estranha, essa construção ela tem varias traduções em português se diz o queres, o que quer, á várias possibilidades tão quanto no espanhol, então ai vale uma nota que remita o leitor (NC), então a gente procura isso, faz uma remissão e encontra uma explicação.

2.C: Outro ponto no “punto de capitón”, em português a tradução eu conheço é (NC). A gente pode manter o original?

1.A: A gente pode manter o critério que se usa a possibilidade de ir lá nos escritos, então a gente localiza qual é a ocorrência, ai a gente diz nos inscritos foi traduzido de tal forma mas a gente pode usar de tal jeito, no que em outro texto que eu li, ele menciona três tipos de “ponto”, as regras de pontuação de corte é muito importante para a psicanálise não é um detalhe é um percepção conceitual (NC) a gente tem que fazer uma pesquisa porque em que vem o debate da comunidade da psicanalista sobre qual seria a melhor tradução.

2.C: A expressão grafo do desejo é a que a gente vai traduzir, a expressão aparece “outro cenário” em espanhol que quer dizer outra cena, outra coisa em relação a (NC), em português é sigo ou sinal?

1.A: Sigo!

2.C: Temos que fechar isso tem, apareceu aqui sinal (NC), a expressão já definida ali. Uma expressão em português holófrase você falou em espanhol, a tradução em português em uma frase é holófrase então tem um acento no o

1.A: Não encontro nada em português que fala sobre isso.

4.A: Isso foi eu, eu li como holófrase.

1.A: Mas eu estava estudando isso recentemente e estava jurando que era holófrase.

2.C: Holófrase com acento no o, mesmo traduzido em plural é holófrases e mantem o acento. Essas expressões que a gente já viu aqui, já da pra dar uma discutida nelas, a gente bateu alguns pontos.

1.A: Alguma pergunta gente? E ai o que vocês pretendem fazer agora?

4.A: Eu pretendo marcar uma (NC) porque o meu não consegui terminar, mas não sei no seu caso, então acredito que quase todos não conseguiram chegar ao final do seu capítulo, então eu pretendo depois que todo mundo já tiver terminado designado a gente marcar uma reunião dos tradutores pra gente discutir esses pontos e fazer uma prévia do que a gente já fez e ver o que vai ser restaurado ou mantido e definido para futuros capítulos que vamos traduzir.

1.A: Então eu acho que cabe agora a vocês terminarem, trabalharem em conjunto e entregar o texto nas próximas três semanas impecável e sistematizar as questões, outra coisa, todos têm que ler a tradução do outro, é um conjunto, nas próximas três semanas isso tem que está pronto e entregue pro (FC) enquanto isso (NC).

2.C: Outro ponto que eu queria falar sobre a tradução do Lacan, vamos manter a primeira etapa em português?

1.A: Como vocês vão fazer uma versão crítica pode até manter uma tradução em português do que está no texto dele, é uma versão de segunda mão, uma tradução indireta. Ele não coloca as fontes de onde ele tira em muitos casos.

2.C: Ele cita pouco, das quarentas páginas que lemos até agora, se você for buscar poucas tem

(NC), dá pra fazer isso até o final do texto.

1.A: Mas eu preciso saber se ele está usando (NC), para Lacan eu não sei se está usando a tradução dos escritos do século XXI ou está fazendo uma tradução do português para o espanhol na hora por que ali ele gosta de fazer sua própria tradução, então é uma pesquisa e isso se faz uma versão crítica. Uma versão crítica tem, onde identificar da vem, mas a gente pode fazer o texto do Lacan o texto em francês eu tenho também muitas coisas em francês e podemos escanear textos fáceis de encontrar. O que acontece, eles que são os leitores, eles têm que saber qual o critério do tradutor, então a gente nessa entrega que a gente vai fazer pra ele em três semanas, temos que definir. Tem que ter a nossa fase de operações e é isso que vocês vão fazer.

### **TRANSCRIÇÃO ÁUDIO 3**

1.N: As vezes tem mais psicanalistas que só fazem curso ou fazem psiquiatria e passam a fazer psicanálise, mas sem ser lacanianos.

2.A: Pois é, pois é. Por isso que essa questão da enseñanza que foi traduzida, que a gente tem que traduzir como ensino, também é muito importante. O que que seria a questão do ensino... O ensino é que desde os primeiros seminários, Lacan falava em topologia e as pessoas ficavam malucas né, porque diziam: isso não é Freud. Freud nunca falou em topologia. Lógico né, é outra cabeça. Então, teve muita gente que brigou com Lacan e não quis saber nada de Lacan, por causa disso. Porque ele introduziu uma série de coisas que eram muito subversivas para aquilo que se pensava que era a psicanálise. Então era assim, como um desvio de Freud, a leitura que muitos dão. Então, o que eu acho interessante para vocês duas, até pra

pensarem na questão do tcc, foi esse comentário do (FC) sobre a literalidade das traduções, essa tendência a não se afastar muito do texto. Então, eu gostaria de saber de vocês, até porque isso é importante. Já tô pensando no tcc das duas. O que que vocês acham disso? O que que deu nesse primeiro momento de sentar e traduzir?

3.A: Na minha questão foi por não saber muito da área. Então falei: não vou tentar achar um sentido pra uma coisa que não conheço. Então eu preferi manter. Algumas coisas que eu via que eu conseguia interpretar e aí eu via que, sim, eu podia alterar alguma coisa ali pra ter um sentido, uma interpretação melhor, pra quem fosse ler... Aí eu mudava, mas no mais não, eu mantive. Porque eu não conhecia a área e falei: então não vou mudar, porque depois vou tá fazendo besteira aqui, então não sei.

1.N: É, a gente pensa assim. Eu também pensei assim. Embora eu tenha pesquisado sobre psicanálises, porque eu quero trabalhar com psicanálises, sem saber o que que é. Não, eu tenho que pesquisar e muito a respeito. Só que dá um receio de mexer no texto, você pesquisa, você sabe o que que é mais ou menos, mas você deixa a palavra, não muda tanto não.

2.A: Uhum. Outra coisa interessante, vocês tinham lido a primeira parte, a primeira folhinha do livro que dizia que era aulas?

1.N: Eu acho que sim! Aquela introduçãozinha, né? Aquela introdução no início.

2.A: Aham, aham! E quando vocês estavam traduzindo, vocês pensaram nisso, nessa forma do texto?

1.N: Eu pensei que ele tipo era uma gravação que foi transcrita e a gente... Não é, transcrita. E agora a gente tava traduzindo. Mas tá muito, me pareceu muito formal, até como se não fosse, não tinha tanto de oralidade no texto. Parecia muito normal.

3.A: Você achou que não tinha?

1.N: Eu achei.

3.A: Eu já achei que tinha muita oralidade.

1.N: Minha parte não tinha muita oralidade, achei que tava muito formal.

2.A: Uhum...

3.A: Talvez seja isso, né? A diferença de capítulos. Na minha eu já achei, muito. Por isso que eu taquei vírgula, ponto, tudo que fizesse ter uma leitura mais coerente, ao meu ver, né. Porque se eu fosse ler igual tá no texto assim, eu não ia entender nada, no português, né. Já que as pontuações são diferentes em espanhol e português.

2.A: Uhum, uhum. E na hora de traduzir, então você levou em conta essa ideia de que isso aqui não é escrito só, isso aqui tem alguma coisa oral. Você já não levou em conta isso. Tá, que é uma característica digamos do texto, né? Que ela pode passar sem a gente saber muito bem se é ou não é, né? Digamos, essa é a questão. Então eu coloco isso, eu corriji, fiz uma revisão. Uma revisão com a minha dificuldade, digamos, eu posso traduzir muito bem pro espanhol, mas pro português eu me sinto insegura, né? Então imagina corrigindo, né? Então o que que eu fiz aqui, eu fiz um exercício um pouco de tentar depois dessa reunião, processar algumas informações já com o material. Então, por exemplo aqui: vou dedicar a aula de hoje apresentação do tema, sobre o qual vai girar todo o curso e começa... Ai começa: e começarei levantando algumas questões que fará falta dominar, fará falta discutir bem a respeito. Então digamos, essa construção ela é muito próxima do texto de partida, só que se a gente modificar um pouquinho ela fica, é a mesma coisa só que com um pouquinho de leveza, né? Então, vou dedicar a aula de hoje apresentação do tema, sobre o qual vai girar todo o curso e começarei levantando algumas questões que precisaremos para poder aproveitar ou para aproveitar o que Lacan nos propõe mediante o Grafo do Desejo. Então digamos, dá uma aliviada no texto, eu acho que isso. O problema é identificar em que momento eu posso fazer isso. Em que momento eu não posso fazer isso. Porque ai em que momento eu não posso fazer isso, porque eu comprometeria a densidade de uma explicação.

3.A: Foi o que o (FC) falou, quando ele faz tipo alguns paradoxos, algumas coisas assim. Que a gente as vezes interpreta de uma forma errada, mas que no caso ele quer deixar realmente no ar e a gente as vezes quer solucionar isso, e ai perde todo o sentido. Essa eu acho que vai ser a dificuldade de saber quando é e quando não é. Quando eu posso ou quando eu não posso.

1.N: Quando a gente explica, quando deixa (incompreensível)

3.A: É, parafraseado...

2.A: É, quando a gente precisa não aliviar e deixar a coisa na tensão, né? Porque fica isso, é uma tensão que ele vai criando na aula. Porque ele tá pensando enquanto ele tá falando, então as vezes a gente não é claro mesmo. Mas aqui seria desnecessário, no lugar de dizer: algumas questões que fará falta discutir bem a respeito. Algumas questões que precisaremos dominar para poder aproveitar, pronto. Isso eu acho que dá pra identificar, nessa fala que ele faz em primeira pessoa, eu acho que nesses momentos onde ele vai, ele se coloca assim como: eu estou dizendo, tô falando isso... ou nesses momentos, porque ele faz isso ao longo do livro, eu falei disso, agora vamos falar disso. É didática, né. Então esses recursos didáticos, podem ser que isso seja uma alternativa bacana. Mas digamos, isso é uma característica do texto que não é qualquer uma. No que é tradição de textos psicanalíticos lacanianos, porque de alguma forma, isso nos remete ao ensino de Lacan, que foi o ensino fundamentalmente oral. Com essa mesma, digamos aqui se repete o mecanismo, o cara dá uma aula, a aula é transcrita e publicada, era assim que acontecia com o ensino de Lacan. Então isso é bacana.

1.N: Eu pesquisei por ensino e ensinamento e eu achei melhor deixar ensinamento, mas não foi feliz a minha escolha.

2.A: É, é. Mas na verdade é aquela questão que eu coloquei, ensino vem do francês. Então a gente não pode, é como se a gente, pra poder chegar ai tem que ir lá no francês pra entender que história é essa.

3.A: Mas nesse caso foi o que ele tinha explicado, por exemplo, ensino é de Lacan, mas por exemplo, quando ele vai se referir a outra pessoa, ele vai utilizar ensinamento.

2.A: É, é. Por exemplo, a gente pode pensar num filósofo ou a gente pode pensar em... na questão religiosa, por exemplo os apóstolos. Ou, sei lá numa... agora eu lembrei de um livro de um escritor espanhol que eu não lembro o nome dele, que se chama “La enseñanza de Don Juan”, aí não dá pra colocar o ensino de don juan, jamais né. Então são os ensinamentos de don juan, então digamos, não é a palavra ne, é essa palavra que eu adquiri mais peso.

(FC)

## **APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO**

### **QUESTIONÁRIOS E RESPOSTAS**

#### **ALUNO 1**

**Entrevista a alunos de Letras Tradução Espanhol – Estágio obrigatório do ano de 2/2015**

- 1. Com a sua experiência no Estágio obrigatório, qual a importância do conhecimento na área para qual irá traduzir? Acredita que esse tal conhecimento tenha que ser parcial ou total?**

Na experiência que tive com o estágio obrigatório, pude refletir sobre a questão de traduzibilidade de uma área da qual não se tenha afinidade ou

conhecimento do seu conteúdo. Cheguei à conclusão que não é necessário o domínio do tema que se pretende traduzir, mas sim curiosidade e conhecimento dos códigos em questão.

**2. Sentido, visibilidade, reconhecimento e dentre tantos fatores, o que, na sua opinião faz um bom tradutor e uma boa tradução?**

Um bom tradutor é aquele que atinge um grau de legitimidade muito alto para os padrões dos clientes e leitores de determinada área e se mescla ao código de destino tornando-se, de certa forma, um intruso fiel.

**3. Qual(ais) a(s) maior(es) dificuldade(s) encontrada(s) pelos tradutores, pela sua experiência profissional e/ou acadêmica?**

Acredito que a maior dificuldade seja a diversidade de áreas que se podem abordar, ex: científica, literária, jurídica, etc, e a atualização constante de normas e padrões de linguagem, que sabemos que está se renovando a cada momento pelos seus usuários.

**4. Quais os pontos positivos e negativos ao trabalhar a tradução em grupo?**

Pontos positivos é ter uma equipe com a qual se pode contar para sanar dúvidas e pedir opiniões, assim como dividir as responsabilidades, os méritos e os deméritos do trabalho. Já os pontos negativos na área profissional seriam ter suas ideias julgadas democraticamente e algumas vezes abandonadas e também ter que lidar com diferentes padrões de traduções que às vezes não são satisfatórias e comprometem a sua visibilidade, pois estão atrelados ao resultado final da obra.

## **ALUNO 2**

### **Entrevista a alunos de Letras Tradução Espanhol – Estágio obrigatório do ano de 2/2015**

**1. Com a sua experiência no Estágio obrigatório, qual a importância do conhecimento na área para qual irá traduzir? Acredita que esse tal conhecimento tenha que ser parcial ou total?**

A importância do conhecimento na área para qual se traduz é muito importante para que sejam feitas traduções de qualidade. No entanto, no meu



ponto de vista, não é necessário que se tenha um conhecimento total, ou seja, o tradutor não precisa ser também um profissional na área para a qual se traduz.

**2. Sentido, visibilidade, reconhecimento e dentre tantos fatores, o que, na sua opinião faz um bom tradutor e uma boa tradução?**

Na minha opinião, o bom tradutor é aquele que se faz invisível. Uma boa tradução é aquela que, quando lida, soa como sendo a versão original. Acredito que os leitores têm sempre que estar cientes de quando o texto que têm em mãos é uma tradução. No entanto, essa evidência tem que se dar por outros meios (como dando mais visibilidade ao nome do tradutor), não no texto em si.

**3. Qual(ais) a(s) maior(es) dificuldade(s) encontrada(s) pelos tradutores, pela sua experiência profissional e/ou acadêmica?**

Pela experiência que venho adquirindo, percebo que um pesquisador em tradução iniciante tem mais dificuldade justamente com relação às pesquisas que devem ser feitas na hora de traduzir. Um tradutor pode sim traduzir textos de diversos gêneros e âmbitos profissionais, mas reconheço que é uma atividade que exige muita concentração e pesquisa. É muito importante para um tradutor ter uma base teórica, saber onde fazer suas pesquisas e por onde iniciá-las.

**4. Quais os pontos positivos e negativos ao trabalhar a tradução em grupo?**

Trabalhos em grupo têm vantagens e desvantagens, acredito que em qualquer ramo profissional. Na tradução, podem ser bons para a produtividade: quanto mais tradutores, mais rápidas as traduções podem ser realizadas. Minha preocupação é com relação ao estilo. Um único texto traduzido por diversos tradutores tende a não ser tão homogêneo, ou seja, estabelecer talvez vários estilos e dificultar a invisibilidade dos tradutores. Com certeza uma boa revisão pode fazer com que o trabalho em grupo seja de boa qualidade, aumentando a produtividade e ajudando a manter a qualidade da obra.